

O RITUAL COMO FESTA: O RELATO EURIPIDIANO DO CULTO DIONISÍACO PRESENTE NO TEXTO TRÁGICO “AS BACANTES”

LEANDRO MENDONÇA BARBOSA*

Tratar deste conceito – festa – aplicado a sociedades antigas requer uma abordagem própria, pois a festa estava presente no cotidiano do povo greco-romano, bem como nas relações sociais deste. De acordo com Norberto Luiz Guarinello, a festa não se opõe ao cotidiano, mas faz parte e está integrada com ele (GUARINELLO, 2001:971); desta forma, a festa faria parte do próprio cotidiano políade, sem contrapô-lo, mas como uma forma de interrupção na vida social para chamar a atenção para um episódio, um evento ou uma divindade:

Festa é, portanto, sempre uma produção do cotidiano, uma ação coletiva, que se dá num tempo e lugar definidos e especiais, implicando a concentração de afetos e emoções em torno de um objeto que é celebrado e comemorado e cujo produto principal é a simbolização da unidade dos participantes na esfera de uma determinada identidade. Festa é um ponto de confluência das ações sociais cujo fim é a própria reunião ativa de seus participantes (GUARINELLO, 2001:972).

A festa, e aqui trataremos de uma festa grega, em honra a um deus grego – Dioniso – é preparada por seus personagens, com o intuito de realizar entre os mesmos uma interação social, que faria parte do acontecimento “festa”. Guarinello pontua que a festa também é provida de regras. Estas regras devem ser respeitadas, como forma de expressar o que está sendo festejado; a regra faz parte da festa:

Elas [as festas] são laboriosamente e materialmente preparadas, custeadas, planejadas, montadas, segundo regras peculiares a cada uma e por atividades efetuadas no interior da própria vida cotidiana, da qual são necessariamente o produto e a expressão ativa; (...) (GUARINELLO, 2001:971)

Ainda de acordo com Guarinello, as festas não diminuem as diferenças. Elas

*Graduado em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Mestre em História pela Universidade Federal de Goiás e Doutorando em História da Antiguidade Clássica pela Universidade de Lisboa.

seguem a seguinte dinâmica: “A festa não apaga as diferenças, mas antes une os diferentes” (GUARINELLO, 2001:973). Desta forma, as diferenças continuariam a existir plenamente; só estariam unidas durante estes dias para, com o término da festa, distanciarem-se novamente. Mesmo no caso da festa que é relatada por Eurípides – uma festa ocorrida longe dos olhos do poder políade – esta é regida por uma regra própria, não necessariamente a regra estabelecida pelo poder oficial, mas uma regra criada por seus próprios participantes, por meio de uma tradição ritualística transmitida através dos séculos.

Já o culto políade – as festas oficiais que aconteciam dentro do perímetro urbano de Atenas – surgiram com a ascensão do poder tirânico – no caso de Atenas, na tirania de Pisístrato – como uma forma de controlar este ritual que antes acontecia longe das cidades e dos olhos do poder. Neste período, ao contrário da contemporaneidade, não acontecia uma distinção entre as festas cívicas e as festas religiosas (FARIA, 2007:28), visto que ambas caminhavam juntas, como a própria política caminhava junto da religião, de um modo geral. Estas festas passaram a seguir o calendário oficial da *polis* e a ter toda uma organização e um cronograma pré-estabelecidos. Neste trabalho, não trataremos especificamente deste tipo de festa. Eurípides nos relata uma outra festa, ocorrida em tempos mais remotos do que o do democrático período clássico.

As Bacantes é o maior testemunho do dionisismo, ao modo que Eurípides enxergava. Devemos ressaltar que o culto retratado não era exatamente o culto que era praticado; não chegaremos a este extremo interpretativo. Eurípides retrata o ritual através de uma memória religiosa – haja vista que esta espécie de rito certamente não era mais praticado na Atenas democrática – escrevendo muito mais sobre aquilo que ouviu do que sobre aquilo que presenciou:

Cabe registrar também que não há qualquer sinal de menadismo na região ática, apesar dos 1190 metros do monte Pentelikós e dos 1413 do Parnés, como se observou recentemente. Eurípides teria presenciado o fenômeno do menadismo na Macedônia, onde, de acordo com Plutarco (Vida de Alexandre o Grande), esse culto era freqüente. (...) (VIEIRA, 2003:41).

Devemos deixar claro também que, nesta peça, Eurípides não inovou em nada o gênero teatral (TRABULSI, 2004:154). Podemos dizer que *As Bacantes* é uma peça

“comum”, sem muitas inovações e sem muita ambição quanto à evolução do gênero trágico. Tampouco Eurípides se preocupava com os temas relacionados ao dionisismo. O ciclo troiano, por exemplo, ocupa um lugar de destaque muito maior no conjunto de tragédias compostas pelo autor. Entretanto, esta peça é importante para nosso trabalho, como já dissemos, pelo seu valor como documento para o entendimento de Dioniso e de seu festejo.

Segundo Jean Pierre-Vernant, duas leituras sobre a intenção de Eurípides ao escrever sobre este tema nesta peça foram realizadas pelos autores dos séculos XIX e início do XX. Alguns viram na peça uma condenação ao dionisismo e um ataque anti-religioso, feito por um escritor que poucas crenças teve ao longo de sua vida; outros acreditaram que Eurípides, já no final de sua vida, se converteu ao dionisismo e esta peça se trataria de uma exaltação à força de Dioniso e de seu culto (VERNANT, 1991:170). Acreditamos que os dois extremos estejam equivocados. O que é um homem grego de poucas crenças? Era possível um “ateu” na antiga Atenas? As relações que o homem grego possuía com a religiosidade eram completamente diferentes das relações modernas, pautadas em uma necessidade de crer. A religiosidade dos homens atenienses era muito mais filosófica do que simplesmente crente. Assim, seria difícil acreditar que Eurípides quisesse simplesmente atacar o dionisismo. Por outro lado, não poderemos jamais afirmar com todas as certezas – tão inexistentes na História – de que o idoso Eurípides tornou-se ele mesmo um bacante.

O coro, neste texto, é formado pelo grupo de *mênades* – espécie de sacerdotisas de Dioniso – que acompanhou o deus desde a Lídia. Embora estas mulheres fossem adoradoras do deus, não estavam no mesmo nível de loucura que as mulheres da realeza castigadas pelo deus; a loucura desenfreada é um castigo, não uma celebração. O coro também faz parte do rito, só que não está no mesmo nível de *mania* – loucura – das mulheres tebanas. Toda a peça é permeada pelo sentimento de *manía*. Esta loucura exerce um elemento desagregador da ordem políade. É a forma do deus se colocar contra os costumes de Tebas – ambiente onde a peça acontece. Dioniso não é um deus abstrato e conceitual; ele necessita de um corpo para se manifestar, e por isso arrasta seguidores para uma experiência modificadora (MOTA, 1998:2). Não é a loucura benéfica concedida pelo deus durante seu ritual; é a loucura maléfica concedida por um castigo divino:

Para castigar Tebas, o deus começa por expulsar toda a parte feminina da polis, sob o aguilhão na manía, para fora da cidade, para a montanha. As mulheres vivem lá casta e pacificamente, em comunhão com a natureza, como faria um autêntico tíaso. Vendo a cidade assim perturbada, a outra componente de Tebas, os homens, intervêm então para restabelecer a ordem e trazer as mulheres para casa. A manía toma imediatamente a forma de um completo desarranjo do espírito, num surto de violência insensato (VERNANT, 1991:190).

Nos primeiros versos de peça, temos uma descrição do festejo, narrada pelo próprio deus Dioniso, que era estritamente feminino; a participação das mulheres, consideradas transgressoras, é primordial para este culto. Está aí um exemplo da regra, discutido por nós no início deste trabalho:

*Fêmeas tebanas portam, todas elas
forçadas, paramentos para a orgia,
tresloucadas, dos lares, todas, extra-
ditadas, turba entremesclada às Cádmiás
sob o cloroso abeto, sobre as pedas (Eurípides. As Bacantes, v. 34-38)*

A *manía* está presente nestas mulheres: arrematadas por uma força maior que elas mesmas, saíram dos seus lares para cultuar o deus. As “Cádmiás” a qual Dioniso se refere são as filhas de Cadmo – avô do rei de Tebas, Penteu – e irmãs de Semele. Eram mulheres que faziam parte da estirpe real tebana, e se recusaram a aceitar o culto do deus. Como castigo, Dioniso joga sobre elas sua loucura, fazendo-as delirar. Desta forma, saíram errantes pelos bosques festejando o deus.

Em outro verso, temos na fala do coro uma descrição de uma regra – importância na qual falamos no início do trabalho: objetos e costumes presentes no rito, como a música – por meio da flauta – e tíasos – objetos representativos na adoração do deus:

*No tenso bacanal,
sintonizam-no
ao suave sopro de flautas frígias,
e o põem nas mãos de Réia-Mãe:*

*trom
entre evoés a Baco!
E ensandecidos sátiros
recebem da deus mãe
o instrumento de coros trianuais,
para o dionísio regozijo!
É doce nas montanhas,
girando em velozes tíasos,
tombar na terra, (Eurípides. As Bacantes, v. 126-137)*

Os sátiros sempre estavam presentes nos cortejos, e nas imagens em cerâmica que temos representando a festa, aparecem sempre itifálicos, embriagados e saltitantes. A montanha está presente nesta peça como uma representação do desconhecido. As florestas e os montes suscitaram nos homens diversas reações imagéticas, que surgiam pelo desconhecimento destes. A montanha representa na peça o desconhecido e, conseqüentemente, o medo.

Este rito, realizado fora dos olhos oficiais, era extremamente barbarizado, desde os instrumentos até os cantos, muitos na língua frígia, e não na língua grega:

*No luxo do áureo veio tmólio,
celebrai Dioniso,
ao rumor barítono dos tímpanos,
alegrai com evoés o deus Evoé,
gritos em língua frígia,
enquanto, sonora, a flauta-loto
sagra, com seu rumor,
o rito lúdico, (Eurípides. As Bacantes, v. 154-164)*

O vinho causa a possessão do deus, que se manifesta através da *manía*. Esta possessão faz com que o deus esteja entre os homens, como reflete Tirésias – um adivinho tebano, que se travestiu de mulher para participar da festa dionisíaca:

*Ele é um demônio mântico: baqueu
e demente têm vínculo com mântica.
Quando o divino adentra fundo o corpo,
faz dizer futuro a quem delira.*

*Da moira de Ares participa: o pânico
domina hoplitas, antes de tocarem
a lança: isso é a loucura dionisíaca.
Verás o deus saltando rochas délficas,
sobre dois picos, empunhando o archote,
agitando e brandindo o ramo báquico,
magno na Hélade. Atenta, Penteu, peço-te:
não penses que o poder é dono do homem,
tampouco creias – há doença nessa crença! –
que saibas algo. Acolhe o deus em Tebas,
liba, dionisa-te, coroa-te de hera!
Dioniso não impõe moderação
à mulher, frente à Cípris; na natura
o moderar-se em tudo está presente. (Eurípides. As Bacantes, v. 299-316)*

Na metade da peça, adentra um mensageiro, que foi testemunha das manifestações das mulheres, enquanto ia cuidar de um rebanho, e suas descrições são essenciais para compreendermos o que acontecia naquele ritual:

MENSAGEIRO

*À grimpa de uma encosta, eu mal tocara
a manada, no horário em que Hélio-Sol
aquece a cthônia terra com suas setas,
e vi, em triplo tíaso, os femininos
coros: a um liderava Autônoe; ao outro,
Agave, tua mãe; Ino, o derradeiro.
Somatizavam sem tensão o sono:
em tufos de pinheiro umas pousavam
o dorso, outras, em folhas de carvalho
reclinavam a frente recatadas,
e não, como dizias, ao som da flauta,
ébricas de vinho, lúbricas na selva,
buscavam Cípris. Quando ouviu mugir
o córneo boi, tua mãe gritou, no centro:
“Do corpo remover o sono de Hipnos!”
Do olhar, a sonolência foi expulsa.
Em pé, se nota o bem composto cosmo:
moças, matronas, virgens insubmissas*

*soltavam sobre a espádua a cabeleira,
reapertavam os frouxos nós das nébridas
e as peles tachetadas iam cingindo
com serpentes que lhes lambiam a face.
Outras erguiam cabritos, feras crias
lupinas, branco leite oferecendo-lhes
as que traziam os seios ainda túrgidos,
neofilhos renegados, hera à frente,
floridas briônias, folhas de carvalho.
Alguém empunha o tirso e o pula à pedra,
de onde borbulha, cristalino, o arroio.
Arremessam a fêrula na terra
e exsurge a fluxo o vinho – quis o deus.
A desejosa do galácteo sorvo,
Injetava o chão os próprios dedos,
Colhendo o jato lácteo. De seus tirsos
De hera destilam doces rios de mel. (Eurípides. As Bacantes, v. 677-711)*

As mênades – ou bacantes – estavam descansando, certamente de uma noite de ritual. Mas quando ouviram barulho, imediatamente despertaram de seu sono e voltaram à *manía*. Percebemos vários elementos da natureza agindo em conjunto com as mênades, o que exalta a idéia do deus *cthônico*, do vegetal. O leite e o mel estão presentes na fala do mensageiro, assim como o vinho. Os animais servem como caça para as mênades; e a caça estava presente em toda a Grécia, principalmente na parte rural, a *chóra*. A flauta, o tirso, a hera, tudo o que é utilizado nas festas está presente no relato euripídiano.

Tanto mulheres velhas quanto jovens e virgens participavam do ritual, tendo como elemento comum o fato de serem do sexo feminino. Esta relação entra no que foi discutido por Marcel Detienne (1987), no verbete *Mito/Rito*: o ritual agrupa um certo número de pessoas com uma certa afinidade. As mulheres, que viviam em função do *oikos*, passam a viver em função da loucura dionisiaca, trocam a família pela montanha e pelo rito. Assim como o ritual, a festa também se constitui como um elemento agregador; esta semelhança faz com que o culto descrito por Eurípides seja considerado também festivo.

O mensageiro continua seu relato:

(...) *No horário costumeiro
em que brandiam o tirsos para o rito,
invocaram o deus Rumor, uníssonas.
Tudo se dionisava, monte e feras,
Nada era estático! Tudo corria!
Ao meu lado saltou Agave e eu dei
um bote, com o intuito de pegá-la,
moita vazia, que o meu corpo ocultara.
Sobregritou: “Cadelas minhas, ágeis,
esses homens nos caçam! Compareçam,
quais hoplitas, vibrando exímios tirsos.”
Nossa fuga preserva-nos a vida
da dilaceração bacante; à mão
nua, atacam novilhas na pastagem.
Puderas ver naquelas mãos a vaca:
mamas repletas, bipartida, muge!
Houve quem o vitelo desmembrasse.
Era de ver o lombo e o casco – dupla
forquilha – a esmo lançados: gotejava,
sangüinolento, um charco dos abetos. (Eurípides. *As Bacantes*, v. 723-742)*

O mensageiro – que na verdade se porta como um pastor – se esconde na montanha e espera a momento de invocar Dioniso. Com a loucura, as *mênades* tornam-se descontroladas e extremamente violentas, caçando animais e matando cruelmente. O próprio mensageiro teve de fugir para não ter o mesmo destino das caças. As mulheres, sempre frágeis perante a cidadania masculina, tornam-se extremamente fortes e perigosas, com a *manía* provida por Dioniso.

A seguir, o mensageiro relata o momento que Penteu – rei de Tebas, que também se vestiu de mulher para poder ver o que acontecia na celebração – subiu a montanha, e podemos ver as indagações propostas por René Girard (1990); um momento de extrema violência concedido pelas *mênades*, que se encontravam possuídas pela loucura de Dioniso:

*Sentado no alto, do alto precipita-se
Penteu, multiplicando suas lamúrias*

ao cair, do seu quase desastre cômico.
Sacerdotisa da matança, a mãe
o ataque principia. Tirando a mitra
– pois se o reconheceria, não matava-o
a desditosa Agave –, diz, e toca-lhe
a face: “Mãe, sou eu, Penteu, teu filho,
geraste-me no paço com o Ofídio-
-Equión. Deixa eu viver! Por erros meus,
não imoles a mim, que sou teu filho!”
Ela espuma e espiralada, contorcendo,
pupilas, ignorando o que ignorar
não deveria: dionísia, não o ouvia.
Agarra-o firme pelo braço esquerdo
e, impondo os pés no flanco do infeliz,
sem mais esforço, seu úmero arrancou –
facilidade às mãos o deus lhe dera.
Ino labora do outro lado, rompe
a carne. Autônoe, todo o bando báquico
acomete em unísono clamor.
Urrava enquanto a vida lhe soprou;
ululavam. Alguém portava um braço,
outra, com bota, os pés. Costelas nuas
por dilaceração. Sangue nas mãos,
a carne dele jogavam feito bola.
O corpo desmembrado jaz em ásperas
pedras, no denso matagal do bosque,
duro de achar. A mísera cabeça,
por mero acaso quem a leva é a mãe,
infixa à cúspide do tirso (aos olhos
dela é de um leão montês); pelo Citero
vai, restam as irmãs no coro louco.
No gáudio do butim funesto, Agave
cruza os muros e sobreclama a Baco,
sócio na caça e na carnificina
bélico ufana. Galardão: o pranto! (Eurípides. *As Bacantes*, v. 1112-1147)

Mesmo o filho gritando para a mãe que se tratava de sua cria, Agave – mãe do rei Penteu – parece não ouvir o jovem filho. Os versos seguintes descrevem o aspecto de

Agave, espumando e contorcendo as pupilas. Fica clara a possessão. A dionísia – como aparece referenciado na própria peça – Agave está tomada pela *manía*, e nada do mundo real faz sentido a ela. A morte de Penteu é descrita com riqueza de detalhes por Eurípides: o rei tem seus membros dilacerados pelas bacantes, que possuíam uma força sobre-humana, concedida por Dioniso. Tem seu corpo desmembrado, cada membro está na mão de uma bacante, que jogavam sua carne uma para outra. De acordo com Rachel Gazolla, a morte de Penteu por despedaçamento seria uma alusão que Eurípides quis fazer à antiqüíssima lenda do primeiro Dioniso – Zagreus – que também morre despedaçado (GAZOLLA, 2001:95). A parte sacrificial existia em quase todos os cultos e festas divinizadas. É a violência fazendo parte do sagrado. As tragédias foram vistas como um exemplo de “festas que acabam mal” (GIRARD, 1990:160). Esta violência está presente tanto nos momentos de sacrifícios de animais, muito comuns em ritos *cthônicos*, até a morte de algum ser humano, como é o caso da peça em questão.

As mênades não reconhecem que a carne que jogam é carne humana. Agave tem a cabeça do ser – que ela julga ser um leão – e sai pela cidade em comemoração à nova caça:

AGAVE

*Portamos da montanha ao paço,
recém-cortado, um cacho,
fera egrégia.*

CORO

Eu vejo. Ingressa em nossa festa!

AGAVE

*Sem rede o capturei,
filhote de leão selvático,
conforme o vês. (Eurípides. As Bacantes, v. 1169-1775)*

Este estado de transe, em que se encontravam as mulheres báquicas, e a tragédia contida no final da peça, representa a *katarse* grega.

BIBLIOGRAFIA:

A) DOCUMENTAÇÃO TEXTUAL:

EURÍPIDES. *As Bacantes/Bakxai*. Trad. Trajano Vieira. São Paulo: Perspectiva, 2003. [edição bilíngüe português – grego].

_____. *As Bacantes*. Trad. Eudoro de Souza. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

B) OBRAS GERAIS:

DETIENNE, Marcel. "Mito/rito". In: *Enciclopédia Einaudi: Mytho/Logos - Sagrado/Profano*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, v. 12, p. 58-74, 1987.

FARIA, Keila Maria de. *Medeia e Mélissa: representações do feminino no imaginário ateniense do século V a.C.* Goiânia: Universidade Federal de Goiás; Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia; Departamento de História, 2007. (Dissertação de Mestrado)

GAZOLLA, Rachel. *Para Não Ler Ingenuamente Uma Tragédia Grega: ensaio sobre aspectos do trágico*. São Paulo: Loyola, 2001.

GIRARD, René. *A Violência e o Sagrado*. São Paulo: Ed. Unesp, 1990.

GUARINELLO, Norberto Luiz. "Festa, Trabalho e Cotidiano". In: JANCSÓ, István e KANTOR, Iris (orgs.). *Festa: cultura & sociedade na América Portuguesa, volume II*. São Paulo: Edusp, 2001.

MOTA, Marcus. "A morte de Penteu: o equívoco do dionisismo catártico". *Revista Humanidades*. Brasília: Ed. UnB. n: 44, 1998, p. 1-16.

TRABULSI, José Antonio Dabdab. *Dionisimo, Poder e Sociedade na Grécia até o fim da época clássica*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

VERNANT, Jean-Pierre. *Figuras, Ídolos, Máscaras*. Lisboa: Teorema, 1991.

VIEIRA, Trajano. "Introdução". In: *Eurípides: As Bacantes/Bakxai*. Trad. Trajano Vieira. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003, p.